

Tradição, Desejo e Incesto em “Lavoura Arcaica”, de Raduan Nassar¹

Resumo

Apresentaremos neste estudo uma análise da trajetória de uma família de origem libanesa, que busca formar os filhos de acordo com um rígido padrão religioso e moral, sendo que o papel do pai (Iohána) é de ser repressor fomentado pelo autoritarismo patriarcal enquanto a postura da mãe é de ser submissa, cuidadosa e carinhosa.

Nessa obra, **Lavoura Arcaica**, a tradição é mantida nas palavras do pai e no respeito ao avô, mas ocorre a contestação de valores pelas divergências ideológicas entre pai e filho (André) havendo uma ruptura nessa tradição que vinha sendo mantida de geração a geração. Nesse romance as relações familiares são significativas, mas o que as move e as dilacera é o desejo. É o desejo que permeará toda a narrativa inclusive a vida dos personagens, e no caso de André ao querer se libertar dos laços familiares por um lado, e por outro ao desejar veementemente Ana sua irmã mais nova através da consumação do amor-sexo. Desse envolvimento incestuoso entre André e Ana resultará uma tragédia avassaladora que acaba por romper com preceitos e regras, de uma moral construída ao longo de gerações.

Palavras-chave: Família, desejo, tradição.

Abstract

We will show in the study an analyse of trajectory of a family of Lebanese origin that tries to educate its children according to a hard religious and moral standard. In this context, the role of the father (Iohána) is of a repressive man fomented by the patriarchal authoritarianism while the posture of the mother is to be submissive, careful and affectionate.

In this work, **Archaic Farming**, the tradition is kept through the father words and through the respect for the grandfather. but there is the conflict of values regarding the ideological disagreements between father and son (André) causing rupture in the tradition that was being kept from generation to generation. In this novel, the family relationships are meaningful, but they are moved and destroyed by desire. And it is the desire that will cross all the narrative including the life of the characters,

In relation to André, for example, he wants to liberate himself from the family ties on the one hand and he desires vehemently his younger sister Ana on the other hand through the fulfillment of the sex-love. From this incestuous involvement between André and Ana will result a devastating tragedy that ends up as a break regarding precepts and rules of a moral built throughout generations.

Keywords: Family, desire, tradition.

¹ Este artigo resulta de um trabalho apresentado em sala de aula, referente à disciplina Leitura e Recepção de Textos Literários Brasileiros ministrado pelo Professor Dr. Anderson Pires da Silva do Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF.

INTRODUÇÃO

Lavoura Arcaica é um romance pautado num tempo não linear da narrativa, construído pelo fluxo de consciência do narrador-protagonista André, que mescla passado e presente, emoções e ações, em um movimento constante entre suas memórias e seu presente. A narrativa é circular, vertiginosa, envolvida por devires de forma que o protagonista André rompe com a estrutura da narrativa, como a si mesmo e o universo. O autor emprega com esmero ao longo da história uma linguagem onde se combinam a dimensão da trajetória da família, o subjetivismo lírico do protagonista e os diálogos que desencadearão no desmoronamento familiar.

A obra é dividida em duas partes, relacionadas ao movimento do protagonista (André) de saída da fazenda do pai e de volta à mesma, “A partida” (capítulos 1 a 21) tendo com epígrafe versos de Jorge de Lima: “Que culpa temos nós dessa planta da infância, de sua sedução, de seu viço e constância?” (NASSAR, 2008, p.5) e “O retorno” (capítulos 22 a 30), que traz como epígrafe uma passagem do Alcorão – Surata IV, 23, a qual diz: “Vos são interdidadas: vossas mães, vossas filhas, vossas irmãs, [...]”. (NASSAR, 2008, p.143). Essas epígrafes articulam o desejo e a impossibilidade de retorno ao idêntico e à origem, pois, como nos lembra Octavio Paz (1990 apud LEMOS, 2003, p. 84), as “vueltas al origen son casi siempre revueltas: renovaciones, renacimientos”, significando que a volta à origem é quase sempre complicada pois implica em renovação, renascimento. Dessa forma, o desejo torna-se um dos motivos essenciais do discurso do protagonista André, personagem que tem pela irmã Ana uma paixão incestuosa e que será o elemento catalisador desta tragédia.

A trama do romance revela o contraditório do ser humano: o amor e o ódio, a autoridade e a repressão, a tradição e a transformação, a união e a cisão, a morte e a vida. O conflito central está no confronto entre pai (Iohána) e o filho (André). Esse tensionamento da trama se desenvolve em lutas simbólicas, uma vez que a rivalidade entre eles está circunscrita num mundo fechado e arcaico enredado pela inexorabilidade do destino.

Nessa obra, o autor narra a decadência de uma família patriarcal, de origem libanesa, que possuía forte tradição religiosa e buscava formar os filhos dentro dos rígidos preceitos morais e éticos.

As relações familiares são enfatizadas durante todo o enredo da obra literária, mas é o desejo que perpassa e fica implícito nessas relações por remeter ao erotismo, à sensualidade, ao prazer, à dor, à alegria e ao sofrimento. À medida que a história vai sendo relatada por André, o desejo vai permeando a vida dos personagens de forma diferenciada de acordo com o discurso de cada um.

1. A família em “Lavoura Arcaica”

A terra, o trigo, o pão, a mesa, a família (a terra); existe neste ciclo, dizia o pai nos seus sermões, amor, trabalho, tempo. (NASSAR, 2008, p. 181).

Lavoura Arcaica aborda como tema central o modo de vida de uma família sírio-libanesa no Brasil por volta dos anos 1920 ou 1930, com rígidos padrões de valores que incluem a disciplina do trabalho e os laços familiares unidos. Os filhos desde cedo escutam os sermões advindos do pai, que devem ser seguidos para a manutenção da tradição familiar, iniciada pelos ancestrais. A família é organizada e centrada no trabalho, no cultivo, no “lavorar” sobre o primitivo (*arché*)², os instintos, os impulsos animais em nós, para que os mesmos possam ser controlados, lapidados, racionalizados de acordo com a inserção da cultura. O pai é o patriarca opressor, repressor dos prazeres carnis e é ele que reúne a família em torno da mesa para proferir os sermões que defendiam em favor da ordem, do trabalho, da disciplina, do tempo, da união e do amor. Percebe-se em um sermão feito por Iohána (pai) sobre o recalçamento dos desejos do corpo relativo às paixões, em que explicita na sua fala o tom moral do discurso no sentido de que o corpo (a casa) deve ser bem protegido, fechado, disciplinado, como mostra o trecho a seguir:

o mundo das paixões é um mundo do desequilíbrio, é contra ele que devemos esticar o arame das nossas cercas, e com as farpas de tantas fiadas tecer um crivo estreito, e sobre este crivo emaranhar uma sebe viva, cerrada e pujante, que divida e proteja a luz calma e clara da nossa casa, que cubra e esconda dos nossos olhos as trevas que ardem do outro lado. (NASSAR, 2008, p. 54).

André, numa de suas lembranças, revela: “e me lembrei que a gente sempre ouvia nos sermões do pai que os olhos são a candeia do corpo, e que se eles eram bons é porque o corpo tinha luz, e se os olhos não eram limpos é que eles revelaram um corpo tenebroso”. (NASSAR, 2008, p. 13). Nota-se uma separação entre dois mundos, luz X

² *Arché*: princípio (NICOLA, 1982, p. 74).

trevas, bem X mal, de forma que o mundo das paixões deve ser comedido, domado, para que a razão vença a escuridão, a perdição advinda da tentação da carne (corpo).

A continuidade da família, que Iohána pretende ser fixa, é calcada na ancestralidade, e tem nos papéis do avô e do filho mais velho (Pedro) a legitimação. É a imagem do avô que mesmo depois de morto é presença viva no papel representativo desse veio ancestral, deixando a sua marca determinante de agregação na rede familiar. Isso é demonstrado no trecho a seguir: “[...] é na memória do avô que dormem nossas raízes [...] (NASSAR, 2008, p.58); [...] ninguém amou mais, ninguém conheceu melhor o caminho da nossa união sempre conduzida pela figura do nosso avô, esse velho esguiu talhado com a madeira dos móveis da família [...]” (NASSAR, 2008, p.44). Como o avô, Pedro, o irmão mais velho de André, ocupa na família um papel significativo de fortalecedor da ordem promulgada pelo pai. Ele tem como missão devolver o filho pródigo à casa da família, numa tentativa de restabelecer a ordem antiga. No quarto de pensão em que André se refugiou, ele recebe Pedro e ao abraçá-lo sente: “a força poderosa da família desabando sobre mim como um aguaceiro pesado” (NASSAR, 2008, p. 9). Essas imagens são importantes por demonstrar como a família patriarcal desempenha sobre eles uma forte influência, devido a seu espírito autoritário e agregador.

Nesse romance é nítido o papel do pai (Iohána) de ser repressor enquanto o da mãe (sem nome explicitado) de ser submissa, fomentando nos seus filhos (mais jovens) a afetividade, a sensibilidade e a emotividade. A mãe irá engendrar nos três filhos, André, Ana e Lula, o germe da transgressão dos princípios devido ao excesso de proteção, carinho, inclusive físico, relatado por André em suas recordações: “me entreguei feito menino à pressão daqueles dedos grossos que me apertavam uma das faces contra o repouso antigo do seu seio; curvando-se, ela amassou depois seus olhos, o nariz e a boca” (NASSAR, 2008, p. 169-170). Mas é principalmente com André que a mãe construirá desde a infância uma relação de cumplicidade e ternura, num jogo sutil definitivamente sensual e edipiano, em momentos de intimidade como aponta o trecho a seguir:

e só esperando que ela entrasse no quarto e me dissesse muitas vezes “acorda coração”, e me tocasse muitas vezes suavemente o corpo até que eu, que fingia dormir, agarrasse suas mãos num estremecimento, e era então num jogo sutil que nossas mãos compunham debaixo do lençol, e eu ria e ela cheia de amor me asseverava num cicio “não acorda teus irmãos, coração. (NASSAR, 2008, p.25).

André, nesta recordação de ternura e sedução, acaba revelando, em tom de desabafo, que: “se o pai, no seu gesto austero, quis fazer da casa um templo, a mãe, transbordando no seu afeto, só conseguiu fazer dela uma casa de perdição”. (NASSAR, 2008, p. 134-135). Dessa forma, a mãe plantou desde a infância a semente da transgressão. A voz de Lula, o irmão caçula, é a ressonância do exemplo deixado por André. Ele confia a André a sua insatisfação de viver na fazenda e ter que trabalhar e ter que escutar os sermões ditados pelo pai como mostra o trecho a seguir: “não agüento mais esta prisão, não agüento mais os sermões do pai, nem o trabalho que me dão, e nem a vigilância do Pedro em cima do que faço, quero ser dono dos meus próprios passos; não nasci para viver aqui” (NASSAR, 2008, p. 177). Nesse trecho evidencia o desejo que Lula tem de libertar-se das amarras cerceadas pelo pai através dos sermões, de forma a buscar fora da fazenda a modernidade, a urbanidade, um futuro “melhor” para si. Há na narrativa um episódio em que André interrompe a fala de Lula e mostra numa atitude ambígua, insinuando uma prática incestuosa com Lula:

mas não foi para fechar seus olhos que estendi o braço, correndo logo a mão no seu peito liso: encontrei ali uma pele branda, morna, tinha a textura de um lírio; e meu gesto imponderável perdia aos poucos o comando naquele repouso quente, já resvalava numa pesquisa insólita, levando Lula a interromper bruscamente seu relato, enquanto suas pernas de potro compensavam o silêncio, voltando a mexer desordenadas sob o lençol. (NASSAR, 2008, p.179).

Nesse emaranhado de personagens, temos uma das figuras mais instigantes da narrativa: Ana. O nome Ana³ origina-se do hebraico Hannah e que vem a ser “cheia de graça”, a benéfica, que tem compaixão, clemência. É uma personagem que não fala em nenhum momento, aparece nos festejos da fazenda dançando, na relação sexual com André e na igreja rezando. Quanto ao interdito entre Ana e André, Rodrigues (2006 apud SARMENTO, 2009, p.7), aponta uma relação com o mito da fecundação da terra. Acrescenta-se o significado dos nomes: André⁴ vem do grego e refere-se à másculo, varão, forte, vil, vigoroso, robusto; Ana quer dizer terra. Ana tem a incumbência de cumprir com o seu desígnio, que é de ser fecundada, arada como a terra, pela força de André. Portanto neste mito da fecundidade, evidencia-se o destino de ambos “MAKTUB”⁵. E mais no final do romance, Ana cumprirá a sua sina diante do golpe

³Disponível em < <http://www.portalbrasil.net/nomes/mulher.htm>>. Acesso em: 27 jan. 2010.

⁴ Idem.

⁵MAKTUB: expressão originária do árabe, particípio passado do verbo Ktab (escrever). Em português maktub significa “estava escrito”, “tinha que acontecer”, “era para ser assim”. Esta expressão é uma

mortal do seu próprio progenitor selando assim o pacto de Lavoura Arcaica com a tradição.

Na obra esse termo (Maktub) está presente nas recordações de André ao fazer uma citação em memória ao avô (NASSAR, 2008, p. 89).

De certa forma, Ana (dentre as quatro mulheres) é a filha que irá se unir a André e juntos irão instaurar a desordem e a desagregação familiar. Desprovidos de senso de moralidade, portadores de incontrolável sedução e instinto sexual, procuram satisfazê-lo a qualquer custo. Juntos transgridem os princípios, não só através da voluptuosidade do amor proibido feito por meio do sexo ardente (consumação do incesto), mas por contrariar os preceitos e costumes construídos ao longo de gerações e reafirmados pelo pai.

Ana, por sua vez, em diferentes momentos da narrativa é vista como a pomba ou a serpente. Em sentido metafórico, como pomba ela representa a imagem da santidade, da pureza, da liberdade. De acordo com o efeito da linguagem usada pelo autor, as imagens de Ana e da pomba chegam a confundir-se, como no trecho a seguir: “agarrei-lhe a mão num ímpeto ousado, mas a mão que eu amassava dentro da minha estava em repouso, não tinha verbo naquela palma, nenhuma inquietação, não tinha alma aquela asa, era um pássaro morto que eu apertava na mão” (NASSAR, 2008, p. 102). A mão corresponde à asa, a imobilidade da irmã é como um pássaro morto. A irmã não tem voz, não há verbo em sua palma. Assim, a própria irmã, como a pomba, representa para André um desejo de libertação.

Analogicamente à liberdade representada pela pomba, surge no texto literário a figura de Ana como a serpente, que se apresenta na dança típica do folclore libanês (Dabke)⁶, através da primeira e da última dança nas festividades em família de forma diferenciada de acordo com seus movimentos de “serpentear” o corpo.

essa minha irmã que, como eu, mais que qualquer outro em casa, trazia a peste no corpo, [...] desenvolvendo com destreza gestos curvos entre as frutas, e as flores dos cestos, só tocando a terra na ponta dos pés descalços,

forma de reafirmar que a pessoa se acha conformado com os designios insondáveis da vontade de Deus. Disponível em <<http://www.byana.wordpress.com/2008/08/04/maktub/>> Acesso em: 2 fev. 2010.

⁶Dabke: palavra que significa “bater no chão com o pé”, batidas estas que os dançarinos executam em círculo, de mãos dadas, guiados por um líder que se posiciona no início do círculo. O Dabak é uma dança que surgiu da necessidade cotidiana e coletiva de seu povo, segundo o bailarino libanês Nabak (2009) apud COELHO, 2009, p. 56).

os braços erguidos acima da cabeça serpenteando lentamente ao trinado da flauta mais lento (NASSAR, 2008, p. 29).

Nessa passagem da primeira dança exibida por Ana, o movimento de “serpentear” o corpo representa um movimento flexível, leve e sustentado com sentido de leveza, aceitação e entrega. Já na última dança de Ana, ela veste, se exhibe e dança travestida de adereços das prostitutas que André visitou, e seus movimentos são alterados tornando-se fortes e enérgicos, no sentido de expressar erotismo, sensualidade e provocação. Na última dança tanto os gestos curvos quanto o verbo “serpentear” expõem a lascívia⁷ dos movimentos de Ana, como demonstra no episódio abaixo:

[...] surgiu impaciente numa só lufada, os cabelos soltos espalhando lavas, [...] toda ela ostentando um deboche exuberante, uma borra gordurosa no lugar da boca, uma pinta de carvão acima do queixo, coberta com as quinquilharias mundanas da minha caixa [...] varando com a peste no corpo o círculo que dançava [...] desenvolvendo com destreza gestos curvos entre as frutas e as flores dos cestos [...] (NASSAR, 2008, p. 186-187).

É o grito desesperado de um corpo reprimido, desrespeitado, em conflito entre a tradição e a ruptura que se manifesta na linguagem corporal. A dança de Ana (sensual e sedutora) representa o princípio e o fim do romance, sendo que a última dança é para a morte.

Nessa trama, André é o personagem narrador que quebra a circularidade da palavra do pai. Ele cresce junto à família sendo sustentado pelos valores paternos diariamente: a paciência, a humildade, a moderação em prol do bem estar e da união. Mas chega um momento de sua vida em que ele não suporta mais conviver com o peso dessa lei paterna e a sufocante paixão pela irmã (Ana) e foge de casa, indo morar numa pensão num vilarejo afastado da fazenda.

À medida que André cresce ouvindo os sermões do pai, ele vai aos poucos se descobrindo um indivíduo com vontades próprias, que tem desejos, sensações e que sua individualidade é tolhida, que sua emoção é contida, seus impulsos sexuais são refreados para manter a ordem e a grandeza da família. Em face de libertar-se dos sermões arcaicos apregoados pelo pai e o ímpeto de desfrutar dos prazeres tolhidos, André foge de casa a fim de ter a sua própria vida e fundar a sua própria igreja e assim

⁷Lascívia: palavra que vem do grego “aselgeia” e significa licenciosidade, sensualidade exagerada. Por definição a lascívia é o desejo incontrolável pelo sexo a ponto de abusar da moralidade pública e privada. De acordo com o dicionário, a palavra indica libidinagem, inclinação grande para a luxúria (libertinagem). Disponível em < <http://www.igrejasededavida.com.br/docs.obraefrutos/aula05.html>. > Acesso em: 5 fev.2010.

não contaminar a pureza da família com seus instintos primitivos como mostra o trecho a seguir:

eu disse cegado por tanta luz tenho dezessete anos e minha saúde é perfeita e sobre esta pedra fundarei minha igreja particular, [...] despido como vim ao mundo, e muita coisa estava acontecendo comigo pois me senti nesse momento profeta da minha própria história [...] e eu posso! (NASSAR, 2008, p. 87-88).

André, ao revelar para Pedro as causas de sua partida, relembra com ternura sufocante de sua infância ao lado da mãe pelos cuidados e dedicação ofertados a ele. Essa lembrança se mantinha viva e presente em sua fala pelo grau de afetividade e relacionamento que eles tinham um com o outro, como é demonstrado no trecho: “eu, menino pio, [...] me distraíndo na penumbra que brotava da aurora, [...] e só esperando que ela entrasse no quarto e me dissesse muitas vezes ‘acorda coração’ e me tocasse muitas vezes suavemente o corpo” (NASSAR, 2008, p.25). Nessa imagem percebe-se a relação erotizada com a mãe, pois esse vínculo entre eles relacionado ao corpo permite os contatos carinhosos e os afagos enternecidos. A mãe foi uma das personagens centrais responsáveis por ter despertado precocemente essa relação sexualizada que André tinha com o próprio corpo tornando-o uma pessoa com atitudes sexuais exacerbadas, desregradas. Esses impulsos eróticos intensos, antes recônditos no carinho materno, prolongam-se a uma cabra de estimação (zoofilia), e vai culminar na puberdade de André com a prática incestuosa com a irmã Ana e na relação também incestuosa sendo insinuada com o irmão Lula.

Como se pode notar André é inundado pelo desejo, no qual Ana ocupa um lugar soberano. Para ele esse amor incestuoso é forma de concretizar sua revolta e ao mesmo tempo instaurar a nova ordem que busca implantar: em lugar de castidade, luxúria; ao invés de moralidade, desregramento ético; de altruísmo por sexualidade. Num momento de sua narrativa, André confia a Pedro uma das causas principais de sua partida da casa, como se faz notar no trecho a seguir:

Era Ana, era Ana, Pedro, era Ana a minha fome” explodi de repente num momento alto, expelindo num só jato violento meu carnegão maduro e pestilento, “era Ana a minha enfermidade, ela a minha loucura, ela o meu respiro, a minha lâmina, meu arpejo, meu sopro, o assédio impertinente dos meus testículos (NASSAR, 2008, p.107).

Era Ana que perpetrava em André os ímpetos, os desejos, a sedução de forma magnetizada e mágica principalmente insinuada através das danças exibidas por ela e na relação sexual consumada por eles. E é através dessa consumação sexual realizada entre

eles que Ana proporciona ao irmão um momento de completude fazendo com que ele se sinta numa unicidade total. O encontro com a irmã representa a infância perdida que André busca resgatar como se fosse possível atingir aquele estado simbiótico de relação vivenciado com a mãe quando era criança.

Mas é o pai que pauta toda a autoridade, centrada no discurso da tradição. Para ele a família deve sempre permanecer unida de acordo com os mesmos princípios e regras para ter sabedoria humana. Portanto para que haja harmonia entre os membros do grupo, é necessário que a pessoa não construa um caminho próprio, autônomo, afastando-se do grupo, pois será um transgressor. A ordem do grupo é mais importante que a ordem do indivíduo. A necessidade comum está acima da vontade individual. Nos sermões que o pai contava através de ensinamentos e conselhos para os filhos sobre a família e o amor, era para transmitir a comunhão entre os membros da casa nos afazeres da casa, na lida com a lavoura e na passagem do conhecimento e tradição. Nada deveria romper com o equilíbrio do lar, como podemos explicitar nas palavras de Iohána no trecho a seguir: “É através do recolhimento que escapamos ao perigo das paixões [...] ninguém em nossa casa há de cruzar os braços quando existe o irmão para socorrer” (NASSAR, 2008, p. 56). E ainda completa:

[...] a mão benigna de cada um será para este irmão que necessita dela, e o olfato de cada um será para respirar, deste irmão, seu cheiro virulento, e a brandura do coração de cada um, para ungir sua ferida, e os lábios para beijar ternamente seus cabelos transtornados, que o amor na família é a suprema forma da paciência [...] (NASSAR, 2008, p. 59-60).

Enquanto Iohána apresenta uma postura autoritária, com um discurso calcado numa cultura ancestral, com valores e moral rígidos, e uma credibilidade na ordem e na tradição, André traz, na sua atitude, um idealismo, na sua fala a desordem e o desregramento, no seu comportamento, a sua agitação íntima, a sua desestrutura, a sua impulsividade, a busca pelo seu próprio caminho, a paixão reprimida e incontrollável por Ana.

O trágico em André reside no seu conflito com o mundo nucleado e tradicional do pai. Ele é pulsão e desejo, é insolente, fragmentado, cindido, incapaz de obedecer à moral tacanha. Na obra **Lavoura Arcaica**, Fischer (1991, p. 15) aponta que a trajetória e o perfil de André “é uma história de hybris”⁸. Por outro lado, a mãe dedicando toda a

⁸ *Hybris* é um termo grego que significa o desafio, o crime do excesso e do ultraje. Traduz-se num comportamento de provocação aos deuses e à ordem estabelecida. A *hybris* revela um sentimento de

sua afetividade ao filho, semeia uma desordem interna, de paixão, de desejo desenfreado que André transfere dela para Ana, ambos incestuosos.

O personagem André retorna para casa como o filho pródigo às avessas, no sentido metafórico da casa como lugar simbólico da família, da origem e da tradição, Mas ele não volta apenas para reintegrar-se ao seio familiar, mas para promover transformações que em seu interior são motivos opostos aos ensinamentos do pai: domínio da paixão em lugar da paciência, do desejo em vez da temperança.

Para celebrar a volta de André e a suposta comunhão da família, é preparada uma festa. Nesta um sombrio destino se anuncia: “e, para cumprir-se a trama do seu concerto, o tempo, jogando com requinte, travou os ponteiros” (NASSAR, 2008, p. 190). Ana cumpre sua sina: diante de sua manifestação dançante e sensual recebe o golpe mortal de seu próprio progenitor. Sela-se assim o pacto de **Lavoura Arcaica** com a tragédia.

O conflito entre a tradição, a ordem, o velho, com seus ditames arcaicos (representado pelo pai) em contrapartida com a desordem, a instauração e a liberdade do novo (personificado pelo filho), gerou um impacto exacerbado e perene entre as gerações.

A figura do pai na vida de André apesar de lhe trazer conflitos, crises, revolta, é de muito poder quando se reportava através de seu discurso sério e de suas atitudes austeras. A representação do pai até o momento da tragédia final é de um pai inatingível, inalcançável. Mas no momento em que ocorre a catástrofe, os seus sentimentos mudam e ele passa a ter outro olhar para o pai, de pena: “pobre pai!” (NASSAR, 2008, p. 191). É como se ele passasse a ver a partir daquele momento seu pai como um homem de carne e osso, o seu olhar de filho, tanto que descreve um trecho sobre ele:

- essa matéria fibrosa, palpável, tão concreta, não era descarnada como eu pensava, tinha substância, corria nela um vinho tinto, era sangüínea, resinosa, reinava drasticamente as nossas dores (pobre família nossa, prisioneira de fantasmas tão consistentes!). (NASSAR, 2008, p. 191).

Nessa etapa de ruína familiar, André se concretiza com o destino, numa imagem de espelho, ao ver o pai destruído ele se vê a si mesmo, pois era grande a influência que

arrogância, de soberba e de orgulho, que leva os heróis da tragédia à insubmissão e à violação das leis dos deuses, da polis (cidade), da família ou da natureza (FISCHER, 1991, p. 15).

o pai exercia sobre ele. Através de um dos sermões que o pai pregara para todos anteriormente no capítulo 9 da página 60, André tenta resgatar o pai numa tentativa de resgatar a si mesmo: (Em memória de meu pai, transcrevo suas palavras: [...]). (NASSAR, 2008, p. 193).

2. A origem do desejo

A palavra desejo deriva do verbo *desidero*, que por sua vez, deriva-se do substantivo *sidus* (mais usado no plural, *sidera*), significando a figura formada por um conjunto de estrelas, isto é, as constelações. De *sidera* (empregado como palavra de louvor) vem *considerare* – examinar com cuidado, respeito e *desiderare* – cessar de olhar (os astros), deixar de ver (os astros).

Pertencente ao campo da teologia astral ou astrologia, *desiderium* representa o intermediário entre Deus e o mundo dos entes materiais (corpos e almas habitantes de corpos). Pelo corpo astral, nosso destino está inscrito nas estrelas e *considerare* é consultar o alto para encontrar o sentido de nossas vidas. Por outro lado, *desiderare*, é ao contrário abandonar o alto ou ser por ele abandonado. Cessando de olhar os astros, *desiderium* é a decisão de tomar nosso destino com nossas próprias mãos, e o desejo chama-se vontade consciente nascida da deliberação. Com isso *desiderium* significa uma perda, privação do saber sobre o destino e o desejo representa carência, vazio que tende para fora de si em busca de preenchimento.

Afinal, a palavra desejo, em nossa cultura, designa, comumente o movimento impetuoso, intenso e potente, da energia libidinal (...) desejamos o que não temos, o que precisaria vir de fora, para nos preencher, nos completar. (NOVAES, 1995, p. 210).

Os etimologistas de língua portuguesa (Caldas Aulete, Cândido de Figueiredo, Laudelino Freire, Silveira Bueno) ou desconhecem a origem da palavra ou fazem-na remontar ao baixo latim *desidium*, no plural *desídia*, no sentido de indolência, favorável à lascívia. Parece que ambas as derivações apontam para a incompletude, a separação, a falta, o outro, embora os radicais estrelas e indolência dêem conotações diferentes a essa falta (VERGOTE & PAIVA, 2001, p.73).

Segundo Lacan, o inconsciente, o “Id” [= Isto] é uma linguagem, e o desejo segue os caminhos de uma gramática característica dos mecanismos inconscientes. Se o

desejo é o próprio do homem, portanto é através da realidade da linguagem que o homem tem a sua expressão (DUMOULIÉ, 2005, p. 123).

Segundo Dumoulié (2005, p.123) esta força primária, que une hieróglifos ou letras vazias, sem nenhum elo de sentido entre elas, vai encarnar-se no discurso. Sua expressão, de visar seus objetos, segue as duas vias que estruturam o sentido: a metáfora e a metonímia. Tendo renunciado ao objeto primeiro, que é a mãe, o sujeito é condenado a procurá-lo em objetos de substituição, e esta é a metonímia, figura de contigüidade. O desejo que procura dizer-se, e que o recalçamento impede de exprimir-se diretamente, encontra um jeito de manifestar-se de maneira distorcida, deslocada, por exemplo, no sintoma, e esta é a metáfora, figura da substituição.

No romance **Lavoura Arcaica**, André é inundado pelo desejo. O reconhecimento e o obscurantismo desse desejo conduzem-no para fora de casa: levam-no até os prostíbulos na medida em que coleciona quinquilharias de suas experiências mundanas e subversiva, na qual Ana ocupa um lugar soberano. Assim sendo, Nassar nessa obra apresenta personagens de uma família onde ocorre um incesto não com a mãe, mas com a irmã Ana.

O pecado que comete ao ficar incestuosamente com a irmã, atribui muito mais a mãe pelos excessos de carinhos do que ao pai pela austeridade, como alude o trecho a seguir:

mesmo assim não era impossível eu dizer, por exemplo, eu e a senhora começamos a demolir a casa, (...) não era com estradas que eu sonhava, jamais me passava pela cabeça abandonar a casa, jamais tinha pensado antes correr longas distâncias me buscas de festas pros meus sentidos. (NASSAR, 2008, p. 66-67).

3. O enigma do incesto e a relação incestuosa em “Lavoura Arcaica”

O interdito⁹, nesse romance, é praticado entre os irmãos, André e Ana, que desprovidos de senso de moralidade, envolvidos pelo instinto sexual, buscam satisfazê-lo a qualquer custo. Mas André convive numa família de descendência libanesa tradicional, criado com os sermões do pai e os carinhos da mãe, e à medida que cresce desejando a irmã vivencia a angústia desse desejo e depois sente desespero frente à

⁹Para Lévi-Strauss as regras universais são princípios indispensáveis para a vida em sociedade. O exemplo mais característico dessas regras universais é o tabu do incesto. É por meio da proibição do incesto que Lévi-Strauss vislumbra a possibilidade de abertura dos pequenos grupos consangüíneos fechados sobre si mesmos (STRAUSS, 1982, p. 47).

consumação da relação sexual com ela, fugindo de casa, transgredindo ao tabu do incesto.

O incesto nessa obra acaba sendo a fonte de todas as dores trazendo em si o valor do amor entre os irmãos junto à própria família. Os laços da família¹⁰ são reforçados, justamente porque o discurso do pai acaba alcançando sentido contrário e sendo utilizado para avaliar o desejo e concretizar a relação incestuosa entre eles: “foi um milagre descobrirmos acima de tudo que nos bastamos dentro dos limites da nossa própria casa, confirmando a palavra do pai de que a felicidade só pode ser encontrada no seio da família” (NASSAR, 2008, p. 118).

A palavra “incesto” deriva do latim *incestu*, que significa impuro, manchado, não casto, ou seja, in = não e castus = puro. Dessa forma entendemos que o incesto deixaria a família impura ou manchada, ou seja, a família incestuosa é uma família que perdeu a castidade (COHEN, 1993, p.14).

O incesto é um tabu universal e ocorre em todas as sociedades. Geralmente essa interdição decorre de práticas afetivo-sexuais entre familiares consangüíneos, advindas de normas impeditivas, por meio de códigos penais, convenções sociais, crenças religiosas etc. de forma que as uniões entre mãe e filho, pai e filha, irmão e irmã, sempre foram proibidas, exceto entre as duas únicas culturas do mundo que promovem as relações entre mãe e filho: no Kubeo da América do Sul, onde um menino tem relação com a mãe para marcar o começo de sua vida sexual oficial; entre os Tutsi (ou Watusi) da África Oriental em que a cura da impotência sexual do noivo na noite de núpcias requer que ele tenha relação sexual com a mãe (GREGERSEN, 1983, p.131).

Em **Totem e Tabu**, Freud (1995, p.22) analisa a questão do incesto com base nos estudos das tribos aborígenes da Austrália. Essas tribos subdividem-se em grupos menores, ou clãs, cada um dos quais é denominado segundo um totem. O totem é o antepassado simbólico comum do clã; é seu espírito guardião e auxiliar, embora perigoso, para outros, reconhece e poupa seus próprios filhos. O incesto é a manifestação de horror em relação a sua ocorrência, sendo, portanto, um tabu desde os grupos humanos mais selvagens até aos considerados mais civilizados. Ele é também

¹⁰Chiarelli fala sobre os laços afetivos e amorosos dos imigrantes libaneses no Brasil, que se estabeleceram dentro do próprio clã, na instância do privado da família. A manutenção da tradição e da proteção do patrimônio como base de preservação dos valores da comunidade de origem e por muito tempo baseada na endogamia. Chiarelli (2007, apud SARMENTO, 2009, p.5).

uma proibição primitiva, e por isso mesmo, o desejo de violá-lo permanece no inconsciente.

Freud, valendo-se de uma análise feita nas tribos australianas, africanas, indianas e de outras constatou que o horror ao incesto não teria surgido das necessidades religiosas do homem, mas das necessidades práticas e cotidianas. Assim ele formulou a famosa triangulação edípica: o filho que deseja o genitor do sexo oposto e que sente como rival o genitor do mesmo sexo, levantando discussões acerca da moralidade humana fazendo um liame entre o mito de Édipo e o mito da horda primitiva. Sob essa perspectiva, o complexo de Édipo nada mais é do que a expressão dos dois desejos recalcados (desejo de incesto e desejo de matar o pai) contidos nos dois tabus do totemismo. Assim ele é universal por traduzir as duas grandes proibições fundadoras de todas as sociedades humanas.

A psicanálise, segundo Freud (1995, p. 35), nos ensinou que a primeira escolha de objeto para amar feita por um menino é incestuosa e que esse objeto proibido é a mãe, sendo que o filho sente desejo por ela e é interditado pelo pai ou quem o represente. No caso desta obra, André tem como objeto de amor a mãe e depois transfere este desejo incestuoso para irmã, mas ambas são interditadas.

Em **Lavoura Arcaica** (2008), é o próprio pai que mata a filha, afirmando a interdição do incesto. O pai, para manter sua autoridade e poder, extermina com a filha e assim ele castra a si mesmo e o filho, André. Podemos até pensar que Ana por representar uma ameaça para o clã, poderia ser um alvo para o pai e que ele mesmo pudesse sentir-se tentado por ela? A morte de Ana é a recomposição da ordem primitiva.

Segundo Levi-Strauss (1982 apud BATAILLE, 1987, p. 187), existe uma oposição quanto ao estado de natureza e o de cultura, quase da mesma maneira como o animal e o homem são comumente opostos: para ele a proibição do incesto (ao mesmo tempo em que ele pensa nas regras de exogamia que a completam) “constitui o passo fundamental graças ao qual, pelo qual, mas, sobretudo no qual, realiza-se a passagem da Natureza à Cultura”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se como é significativa e marcante a linguagem produzida por Nassar nesse romance, por ser o resultado do hibridismo entre os gêneros prosa e poesia durante todo percurso literário da obra.

Lavoura Arcaica é um romance que prima pelo confronto, tensionamento entre a tradição (personificada e demarcada na figura do pai – Iohána) e a tentativa de quebra desse paradigma com o estabelecimento de uma nova ordem moral, religiosa e familiar (cristalizada na figura do filho – André), tendo a paixão incestuosa entre os irmãos (André e Ana) como fator culminante que desencadeará a mais brutal violência ocorrida com a morte da filha pelas mãos do próprio pai.

O personagem protagonista-narrador André rompe silenciosamente com os preceitos e ensinamentos apregoados pelo Pai-Ditador através de sua fuga de casa, apesar de não estar pronto para destituir o pai de seu poder. Sendo assim, tenta prodigamente retornar à casa com outra postura, não de um reconciliador, mas de um conquistador prestes a se revelar implicitamente. No dia da festa, há um desmoronamento do reinado de Iohána e toda sua tradição com a morte de Ana pelo pai; por outro lado, André veiculou e precipitou a vitória da Nova Ordem, que não pôde ser instaurada, pois algo de si morreu com a tradição que se esfacelava.

A tradição que o Pai procurou ferreamente manter na família no horário das refeições através de sermões/discursos repletos de proibições, de pecados, terminou por se tornar um germe de destruição, despertando a revolta, a revolução como ocorreu com André e Ana ao romper com essa ancestralidade familiar de cunho incontestável.

Nessa obra é visível a representação do desejo encarnada na figura de Ana, que sem dizer uma só palavra falou tudo apenas com o próprio corpo, tornando-se ao longo da trama desse romance o objeto de desejo de André. Da paixão taciturna entre eles, o incesto fundamenta-se como um desencadeador da tragédia familiar, não apenas pelo ato em si, mas por eles (os filhos) terem ultrapassado os ensinamentos religiosos e morais transmitidos pelo pai no que se refere aos pecados da carne, cometidos inclusive dentro da família.

No último capítulo, André, ao prestar uma homenagem à memória do pai transcrevendo suas palavras, corrobora a idéia de que o protagonista-narrador não

apenas retornou à casa, mas, uniu-se novamente à família e à tradição, reconhecendo o valor dos ensinamentos do pai impregnados dentro de si, e agora, ocupando o seu lugar.

Nessa obra, o transcurso temporal percorrido por André frente à afetividade da mãe e a austeridade do pai, levando-o a cometer um incesto com a irmã, possibilita ao leitor indagar, questionar sobre questões de relevância sobre a atitude de André frente à conduta de seus pais, a influência que gera na sexualidade e moralidade de um filho na escolha da parceria amorosa-sexual.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução: Antonio Carlos Viana. 2 ed. Porto Alegre: L & PM, 1987.

COELHO, Lúcia Aparecida Martins. **A Dança nas Lavouras de Nassar e Carvalho**. 2009. 85 f. Dissertação (Mestrado em Letras, área de concentração Literatura Brasileira) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

COHEN, Cláudio. **O incesto um desejo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.

DUMOULIÉ, Camille. **O desejo**. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2005.

FISCHER, Luís Augusto. **Lavoura Arcaica foi ontem**. Porto Alegre: Organon, 1991.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu e outros trabalhos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p.21 – 35. (Vol.. XIII).

GREGERSEN, Edgar. **Práticas sexuais: a história da sexualidade humana**. Tradução: Antonio Alberto de Toledo Serra e Edison Ferreira. São Paulo: Roca, 1983.

LEMO, Maria José Cardoso. Raduan Nassar: apresentação de um escritor entre tradição e (pós) modernidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 20, p. 81-112, abr. 2003. Disponível em < http: //

WWW.bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/ibros/brasil/cpda/estudos/vinte/lemos20.htm>.

Acesso em 12 out. 2009.

LEVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Tradução: Mariano Ferreira. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

NASSAR, Raduan. **Lavoura arcaica**. 3 ed. São Paulo: Companhia Das Letras, 2008.

NICOLA, Abbagnano. **Dicionário de filosofia**. Tradução: Alfredo Bosi com a colaboração: CUNIO, Maurice et ali. 2 ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

NOVAES, Adauto. **O desejo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SARMENTO, Rosemari. O contexto cultural e a trágica trama familiar em Lavoura Arcaica: arte literária e fílmica. **Revisteletrônica Darandina**, v. 1, n. 2, p. 1-17, dez. 2009. Disponível em < http://WWW.darandina.ufjf.br/textos/dezembro_2009/artigos08.pdf>. Acesso em 22 Jan. 2010.

VERGOTE, Antoine e PAIVA, Geraldo José de Paiva (org.) et alii. **Entre necessidade e desejo**: diálogos da psicologia com a religião. São Paulo: Loyola, 2001.